

## Entropia tornada visível

*Entropy made visible*

Entrevista com Robert Smithson  
realizada por Alison Sky

Tradução: André Leal

Revisão técnica: Antônio Ewbank

### Resumo

Entrevista com o artista Robert Smithson realizada por Alison Sky e publicada pouco após sua morte na revista *On Site#4*, em 1973. Na entrevista, Smithson passeia por temas caros a sua produção, como a ideia de entropia, sua relação com o ambientalismo, além de questões relativas à produção artística, arquitetônica e urbanística de seu tempo.

### Abstract

*Interview with artist Robert Smithson conducted by Alison Sky and published at On Site #4 shortly after his death, in 1973. In the interview, Smithson explores several themes that were fundamental to his production, such as his notion of entropy, his relation with environmental debates, as well as issues related to the artistic, architectural and urban production of his time.*

**On Site#4.** Esta entrevista foi realizada cerca de dois meses antes da morte de Smithson. Apesar de ter sido publicada postumamente, Smithson e Sky terminaram a edição do texto juntos, e Smithson forneceu todas as ilustrações [da edição original].

**Robert Smithson /** O.K., vamos começar pela entropia. Esse é um assunto que tem me preocupado há algum tempo. De modo geral eu diria que a entropia contradiz a noção usual de uma visão de mundo mecanicista. Em outras palavras, é uma condição que é irreversível, uma condição que está se movendo em direção a um equilíbrio gradual que é sugerida de diversas maneiras. Talvez uma boa definição sucinta de entropia poderia ser o Humpty Dumpty.<sup>1</sup> Tipo: Humpty Dumpty sentou-se em um muro, Humpty Dumpty caiu no chão duro, e todos os homens e todos os cavalos do rei não conseguiram juntar Humpty Dumpty outra vez. Há uma tendência a tratar sistemas fechados dessa maneira. Podemos considerar até mesmo a atual situação de Watergate como um exemplo de entropia. Você tem um sistema fechado que eventualmente se deteriora e começa a se quebrar, não há como você de fato encaixar as peças de volta. Outro exemplo poderia ser o estilhaçamento do *Vidro*, de Marcel Duchamp, e sua tentativa de juntar todas as peças de volta, novamente tentando superar a entropia. O Buckminster Fuller também tem uma noção de entropia como um tipo de demônio que ele deve combater e reciclar. Norbert Weiner, no *The human use of human beings*, também postula que a entropia é um demônio, mas diferente do demônio cristão que é simplesmente um diabo racional com uma moral muito básica de bem e de mal; o demônio entrópico é mais maniqueísta, no sentido em que você não consegue de fato separar o bem do mal, não há uma distinção clara. E eu acho que em certo ponto o Norbert Weiner também se refere à arte moderna como uma catarata do Niágara de entropia. Na teoria da informação você tem outro tipo de entropia. Quanto mais informação você tem, maior o grau de entropia, de modo que uma peça de informação tende a cancelar a outra. O economista Nicholas Georgescu-Roegen foi tão longe a ponto de afirmar que a segunda lei da termodinâmica não é simplesmente uma lei da física, mas está ligada à economia. Ele diz que Sadi Carnot poderia ser chamado

---

<sup>1</sup>Humpty Dumpty é personagem de uma rima infantil britânica que também aparece em *Alice através do espelho*, novela de Lewis Carroll e importante referência para Smithson [N.T.].

de um econométrico [*econometrican*]. A ciência pura, como a arte pura, tende a ver a abstração como independente da natureza, não há espaço para mudanças ou para a temporalidade do mundo ordinário. *A abstração reina em um vazio, fingindo ser livre do tempo.*

Poderia se dizer até que toda a crise de energia é uma forma de entropia. Sendo a Terra o sistema fechado, há apenas uma certa quantidade de recursos, e claro que há uma tentativa de se reverter a entropia por meio da reciclagem do lixo. As pessoas coletando garrafas, latas ou o que seja, e as colocando em determinados complexos como aquele na Greenwich avenue em frente ao Hospital St. Vincent. Bom, isso parece ser uma situação um tanto problemática. Na verdade, gostaria agora de citar o Georgescu-Roegen, em *The entropy law and the economic process*, sobre o que ele chama de contrabando entrópico. Eu acho que é uma concepção interessante. Isso é o que ele diz sobre a reciclagem do lixo. “Isso é o que os promotores do contrabando entrópico não conseguem entender. Com certeza podemos citar um sem-número de propagandas de reciclagem de sucata [*scrap campaign*] que pretendem salvar a baixa entropia [baixa entropia na definição do autor é o material bruto antes de ser processado em materiais refinados. Em outras palavras, minério bruto teria baixa entropia, e alta entropia seria o material refinado, como o aço] ... por meio da separação do lixo. Eles vêm tendo sucesso apenas porque em *dadas circunstâncias* a separação de, digamos, sucata de cobre, requer um consumo menor de baixa entropia do que o modo alternativo de se obter a mesma quantidade de metal. É igualmente verdadeiro que o avanço do conhecimento tecnológico pode mudar o balanço de qualquer campanha de reciclagem de sucata, apesar de que a história mostra que os progressos passados beneficiaram a produção ordinária em vez da reciclagem de sucata. No entanto, separar as moléculas de sucata espalhadas por toda a terra e no fundo do mar, demandaria um tempo tão longo, que toda a baixa entropia do nosso ambiente não seria suficiente para manter vivas as inúmeras gerações de demônios de Maxwell<sup>2</sup> necessárias para terminar o projeto”. Em outras palavras, ele nos está dando a indicação de que a reciclagem é como procurar agulhas em palheiros.

---

<sup>2</sup>O demônio de Maxwell é um experimento mental elaborado por James Clerk Maxwell em 1871, para sugerir que a segunda lei da termodinâmica seria verdadeira apenas estatisticamente [N.T.].

Agora eu gostaria de entrar em uma área dos, digamos, problemas do desperdício. Me parece que quando se fala sobre preservar o ambiente ou economizar energia ou reciclar o lixo, inevitavelmente se está falando da questão do desperdício, e eu postularia que realmente desperdício e diversão estão em certo sentido ligados. Há um certo tipo de princípio de prazer que vem da preocupação com o desperdício. Tipo, se eu quero um carro maior e melhor, vai haver maiores e melhores produções de resíduos. Então há uma espécie de equação entre o prazer de viver e o desperdício. Provavelmente o oposto do desperdício seja o luxo. Tanto o desperdício quanto o luxo tendem a ser inúteis. Então, há um tipo de noção de luxo da classe média que frequentemente é chamado de ‘qualidade’. E qualidade é meio que baseada no gosto e na sensibilidade. O Sartre diz que Genet não produz nem cuspe nem diamantes. Eu acho que é isso que estou falando.

**Alison Sky /** A entropia não é de fato metamorfose, ou um processo contínuo no qual os elementos estão passando por mudanças, mas em um sentido evolucionário?

**RS /** Sim e não. Em outras palavras, se considerarmos a Terra em termos do tempo geológico, chegaremos ao que chamamos de entropia fluvial. A geologia também tem sua própria entropia, onde tudo está sendo gradualmente desgastado. Agora, pode haver um ponto no qual a superfície da Terra vai colapsar e se despedaçar, de modo que o processo irreversível será em certo sentido metamorfoseado, ele é evolucionário, mas não evolucionário em termos de algum idealismo. Há ainda a morte térmica do Sol. Pode ser que os seres humanos sejam apenas diferentes dos dinossauros, não melhores. Em outras palavras, pode ser apenas uma situação diferente. Há essa necessidade de transcender à própria condição. Eu não sou um transcendentalista, então eu apenas vejo as coisas indo em direção a... bom, é muito difícil prever qualquer coisa; de qualquer forma todas as previsões tendem a estar erradas. Quero dizer, até o planejamento. Quero dizer, planejamento e acaso parecem ser quase a mesma coisa.

**AS /** Eu gostaria que a profissão arquitetônica reconhecesse isso. Em seus grandes planos mestres para o mundo, os arquitetos parecem encontrar a ‘solução final’ para todas as situações possíveis.

**RS /** Eles não levam essas coisas em conta. Os arquitetos tendem a ser idealistas, e não dialéticos. Eu proponho uma dialética da mudança entrópica.

Há um aspecto de continuidade das coisas que me fascina, como em meu recente envolvimento com o Central Park (ver Frederick Law Olmsted and the dialectical landscape, *Artforum*, fev. 1973).<sup>3</sup> Você vê aquela fotografia mostrando um poço no Central Park. Agora, você pode dizer que esse é um tipo de arquitetura, um tipo de arquitetura entrópica ou de de-arquiteturização. Em outras palavras, não está se manifestando do mesmo modo que, digamos, o Skidmore Owings and Merrill<sup>4</sup> poderia se manifestar. É quase o reverso disso, então você pode observar esses tipos de situação de construções entrópicas que se desenvolvem ao redor das construções. Aquele poço eventualmente vai ser coberto, mas ele está ali nesse exato momento, com todos os seus andaimes, e as pessoas estão confusas com aquele poço, elas acham que tem algo a ver com o Met [The Metropolitan Museum of Art, de Nova York]. Há um monte de pichações nele atacando o Met, mas é de fato a cidade.

**AS /** É irônico que nós fomos capazes de perpetuar essa atitude de soluções cenográficas prontas ao redor do mundo. Ao viajar pela Europa você pode andar por milhas e tudo é parecido e aparenta ser exatamente igual a todas as outras coisas. A arquitetura de Mimic Lefrak City<sup>5</sup> está cobrindo toda a Terra. Como isso conseguiu tomar conta de maneira contrária à visão oposta de lugares como Roma, onde não há duas construções, ângulos, texturas etc. que sejam iguais. As ruínas se derretem e se fundem em novas estruturas, e você tem essa justaposição maravilhosa acontecendo – com acidentes em grande parte de todo o processo.

**RS /** Bom, Roma é como uma grande pilha de ferro velho de antiguidades, a América não tem esse tipo de carga histórica de destroços.

Mas eu gostaria de mencionar outro erro que é essencialmente um erro de engenharia, que é o Salton Sea, no sul da Califórnia, que por acaso é o maior lago da Califórnia. Ele ocorreu durante a administração de Teddy Roosevelt. Havia uma tentativa desesperada de desviar o curso do rio Colorado. O rio Colorado estava sempre inundando e destruindo a área. Houve uma tentativa de impedir que o Colorado transbordasse por meio da construção de um canal, no México, que foi

<sup>3</sup> Publicado originalmente na revista *Artforum* de fevereiro de 1973 e traduzido recentemente para o português, disponível em: Smithson, Robert. *Robert Smithson: Artforum, 1966-1973*. Trad. Antônio Ewbank. São Paulo: Ébria, 2023 [N.T.]

<sup>4</sup> Escritório de arquitetura estadunidense famoso por seus projetos para edifícios corporativos [N.T.]

<sup>5</sup> Lefrak City é um conjunto habitacional modernista no bairro do Queens, em Nova York [N.T.]

feito ilegalmente. Começaram esse canal pelo delta do Colorado, e ele então foi desviado de volta para Mexicali, mas o que aconteceu é que o rio inundou esse canal, e o canal transbordou, refluindo para o Vale Imperial, que está abaixo do nível do mar. Então esse lago de trinta milhas<sup>6</sup> foi criado por esse erro de engenharia, e cidades inteiras foram submersas, a ferrovia também ficou submersa e houve inúmeras tentativas de combater esse dilúvio, mas sem sucesso. Desde então as pessoas vieram morar perto desse lago e recentemente eu estive lá. Passei algum tempo em Salton City, que é uma cidade de umas 400 pessoas. E outro exemplo de planejamento cego é esse labirinto de largos bulevares que serpenteiam pelo deserto. Agora era a ideia de que eles iam transformar a cidade em uma vila para aposentados ou qualquer coisa do tipo, talvez uma nova Palm Springs, mas as coisas não deram certo e se você vai lá hoje, você só vê esses bulevares atravessando o deserto, bulevares de concreto muito largos e apenas postes com placas nomeando as diferentes ruas e talvez alguns acampamentos de trailers perto dessa cidade. É impossível nadar no Mar de Salton porque cracas cresceram em todas as pedras. Fazem um pouco de esqui aquático e pescam. Há também um plano para tentar dessalinizar o Mar de Salton. E há todo tipo dos esquemas mais estranhos para fazer isso. Um era trazer os rejeitos da Kaiser Steel Company e construir um sistema de diques. Assim, aqui nós temos um exemplo de um tipo de efeito dominó no qual um erro leva a outro erro, mas em um certo nível esses erros são todos curiosamente excitantes para mim – eu não os acho deprimentes.

**AS /** Há um nível de energia inerente em uma ocorrência acidental ou em um erro. Eu estava ouvindo uma discussão sobre os edifícios de I. M. Pei perto da Washington Square Village e aparentemente nas duas torres da New York University [NYU] houve uma tentativa de se ter ‘controle total’. Até mesmo as cortinas foram especificadas de modo a não perturbar a ‘solução estética’ da fachada do prédio. A terceira torre não é da NYU e abriga as pessoas desalojadas pela construção. Essas pessoas eram livres para escolher suas próprias cortinas e você tem uma diversidade incrível de estilos e cores que eu acho muito mais dinâmico. Ironicamente as cortinas brancas tão cuidadosamente controladas desde então esmaeceram para diferentes tons de branco, então o processo aconteceu de qualquer jeito.

---

<sup>6</sup> Cerca de 48 quilômetros [N.T.]

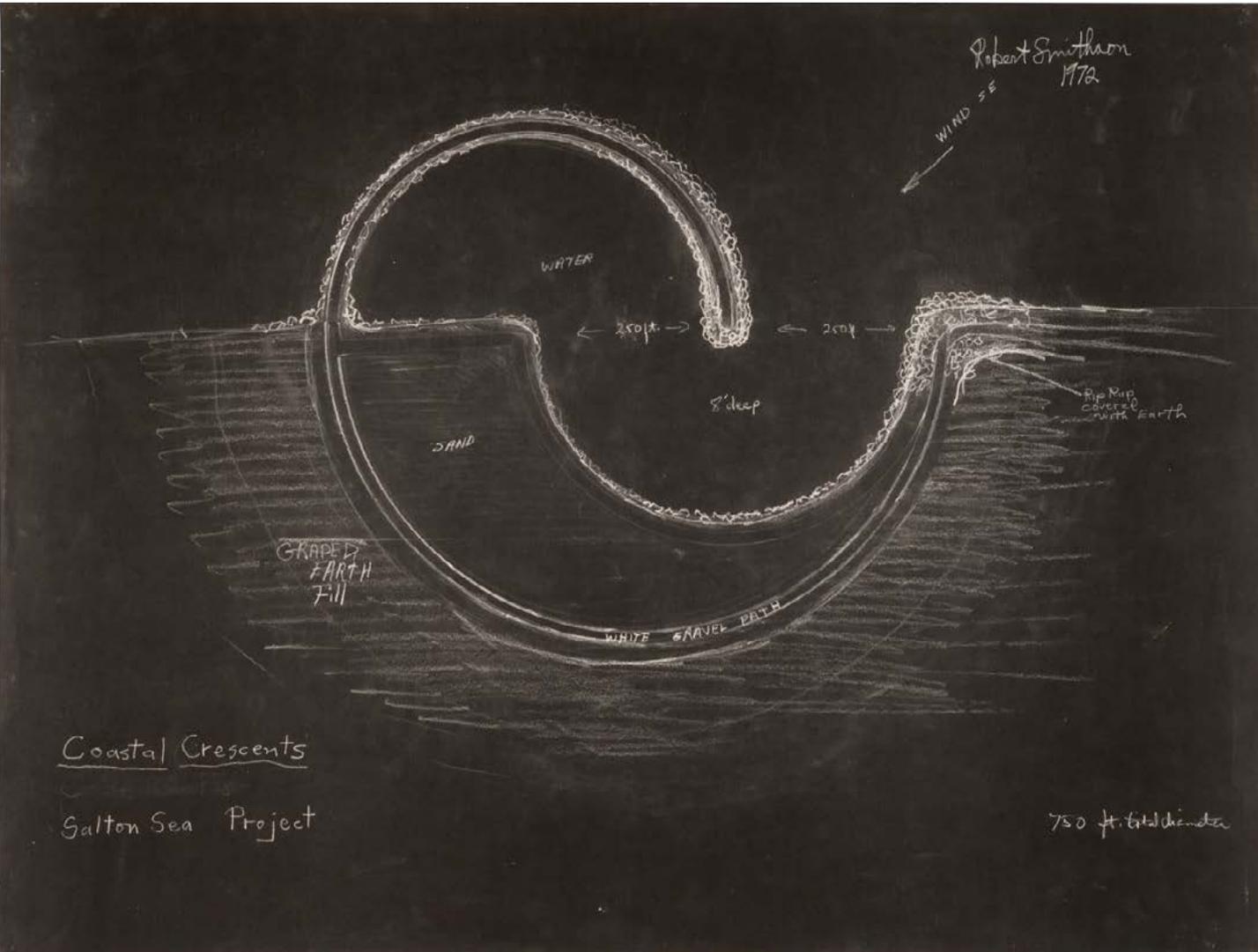


Figura 1  
Robert Smithson, *Coastal  
crescents – Salton Sea  
Project*, 1972  
© Holt/Smithson Foundation  
/ Autvis, Brasil, 2023

**RS /** Certo. É como o terremoto de Anchorage que foi responsável por criar um parque. Depois do terremoto eles separaram uma parte dos danos do terremoto e transformaram aquilo num parque, o que me toca como uma maneira interessante de se lidar com o inesperado e incorporá-lo à comunidade. Aquela área me fascina bastante. As recentes erupções perto da Islândia também. Nas ilhas Vestmann uma comunidade inteira ficou submersa nas cinzas. E foi criado um tipo de sistema de casas enterradas. Foi bastante interessante por um tempo. Podemos dizer que aquilo se tornou um tipo de arquitetura enterrada temporária que me lembra da minha própria *Partially buried woodshed* lá na Kent State,<sup>7</sup> Ohio, em que eu peguei 20 caminhões carregados de terra e joguei nessa cabana de madeira [*woodshed*] até que a viga central trincasse. Houve um problema com um dos jornais locais. Eles não viram aquilo como um gesto muito positivo e publicaram um artigo um tanto depreciativo que tinha o título “É um mundo de lama lama lama” [*It’s a mud mud mud world*].

Mas basicamente eu penso que essas preocupações escapam aos arquitetos e eu estou pensando em outro problema que também existe, o da reclamação de áreas de mineração. Me parece que quando fizeram as leis para a reclamação de minas estavam querendo devolver as minas para como eram antes de ser mineradas. Agora, isso é um modo bastante Humpty Dumpty de fazer as coisas. Você pode imaginar o resultado quando eles tentarem lidar com o poço da Bingham em Utah, um poço de uma milha de profundidade por três de largura.<sup>8</sup> Agora, o que me parece infeliz é a ideia de a lei ser tão geral e não lidar realmente com um sítio específico. Uma pessoa na Kenecott Mining Company me falou que eles deveriam preencher aquele poço; agora, claro que temos que imaginar onde eles iriam conseguir pegar o material para preencher aquele poço.

**AS /** Você perguntou a eles?

**RS /** Sim, quero dizer, eles disseram que levaria algo como 30 anos e eles teriam que pegar a terra de outra montanha. Me parece que as leis de reclamação não lidam com sítios específicos, elas lidam com um sonho geral, ou com um mundo ideal que há muito já se foi. É uma tentativa de recuperar uma fronteira ou uma região selvagem que não existe mais. Aqui nós temos que aceitar a situação

<sup>7</sup> Kent State University, no estado de Ohio [N.T.]

<sup>8</sup> Cerca de 1,6km de profundidade por 4,8km de largura [N.T.]

Arte & Ensaios  
vol. 29, n. 45,  
jan.-jun. 2023



Figura 2  
Robert Smithson, *Partially  
buried woodshed*, 1970  
© Holt/Smithson Foundation /  
Autvis, Brasil, 2023

entrópica e mais ou menos aprender como reincorporar essas coisas que parecem feias. De fato há um conflito de interesses. De um lado você tem o ecologista idealista e do outro você tem o mineiro em busca de lucros, e você tem uma série de estranhas distorções da consciência de paisagem nessas pessoas. Há, inclusive, um livro que o Sierra Club publicou chamado *Stripping*. A mineração a céu aberto de fato sugere atos sexuais lascivos e tudo mais, então parece imoral desse ponto de vista. É como um abuso sexual na Mãe Terra, que traz à cena projeções de incesto, assim como de um comportamento ilícito, e eu diria que psicologicamente há um problema aí. Há uma discussão de estética nesse livro *Stripping* dos pontos de vista do minerador e do ecologista. O ecologista diz diretamente que as minas a céu aberto são simplesmente feias e o mineiro diz que a beleza está no olho do observador. Então, você tem esse impasse, e eu diria que isso é parte do aspecto conflitante da tendência entrópica; em outras palavras, duas situações inconciliáveis indo desesperançosamente abaixo na mesma cachoeira. Me parece que é necessário reconhecer essa condição entrópica em vez de tentar revertê-la. E não há como pará-la; considere a imagem que Norbert Weiner nos deu – as cataratas do Niágara.

Falando de Niágara, eles de fato até barraram Niágara. Eles pararam Niágara por um tempo, pois elas estavam se desfazendo. E então colocaram essas estacas de aço nas pedras para que elas mantivessem sua aparência natural.

**AS /** Eles conseguiram pará-la?

**RS /** Eles de fato a pararam.

**AS /** De desgastar?

**RS /** Bom, elas ainda estão aí. Não desmoronaram. Niágara parece um poço gigante de uma mina a céu aberto. Em outras palavras, elas têm paredes altas que ofendem muito as pessoas nas regiões de minas a céu aberto. Há falhas chamadas de ‘paredes altas’ que existem nas áreas de mineração e há um desejo por parte dos ecologistas em diminuir a inclinação dessas paredes. Os penhascos em volta de Niágara sugerem escavação e mineração, mas é apenas obra da natureza. Assim há uma confusão constante entre homem e natureza. O homem é parte da natureza? O homem não é parte da natureza? Então isso causa problemas.

**AS /** Há definitivamente algum tipo de fascinação perversa ligada ao processo da inevitável e iminente destruição que ocorrerá seja em seu próprio

ambiente ou será observado indiretamente, porque as pessoas insistem em viver nas bases de vulcões, em zonas de terremoto, como a falha que supostamente irá destruir a Califórnia, sobre paisagens que estão afundando como Veneza, que é uma cidade construída inteiramente sobre pilares de madeira apodrecidos e que irá eventualmente colapsar no mar.

**RS /** Bom, isso pode ser algo que é humano – que é uma necessidade humana. Me parece que há quase uma expectativa pelo desastre, poderíamos dizer. Há essa necessidade do espetáculo. Eu sei que quando eu era criança eu adorava ver os furacões vindo e derrubando as árvores e destroçando as calçadas. Quero dizer, me fascinava. Temos um certo tipo de prazer nesse nível. E, no entanto, há esse desejo por algo mais tranquilo – como os murmúrios dos riachos e os vales pastorais, com bosques. Mas suponho que sou mais atraído pelas regiões de mineração e condições vulcânicas – terrenos devastados em vez da noção usual de cênico ou de quietude, tranquilidade – apesar de que, de algum modo, eles interagem.

**AS /** Eu acho que o homem se volta para os vales com bosques em seus últimos momentos, na maioria das vezes. Ele provavelmente não iria gostar de admitir isso, mas não acho que seja de primeira importância para ele – do ponto de vista da fascinação. Quero dizer que ele não fez de fato muito para proteger esses bolsões de tranquilidade. No último momento, depois que eles estão quase completamente destruídos, ele começa a gritar “coloquem as árvores”, mas apenas com o sentido de um gesto simbólico. Essa é sempre a resposta, especialmente em espaços públicos de uma cidade como Nova York – coloquem lá umas poucas árvores isoladas.

**RS /** Bom, me parece que em uma cidade como Nova York, onde tudo é concreto, há sempre esse desejo por colocar uma árvore em algum lugar.

Também em relação à origem dos parques nesse país, é interessante notar que eles começaram de fato como cemitérios. Há algo em meados do século 19 que é chamado de “movimento de cemitérios rurais”, que promoveu uma tentativa de se afastar dos pequenos e soturnos cemitérios das igrejas. Eles introduziram um certo tipo de ambientação silvestre, de modo que a natureza se mesclaria com os cemitérios, e poderíamos dizer que eles desenvolveram toda uma escola funerária de arte. Eu sei que perto de Fort Lee há todas essas criptas – como pequenas pirâmides, sabe, para os mortos.

Há uma associação entre arquitetura e economia, e me parece que os arquitetos constroem de uma maneira isolada, autocontida, a-histórica. Eles nunca parecem permitir qualquer tipo de relações fora de seus planos grandiosos. E isso me parece verdadeiro para a economia também. A economia parece ser isolada e autocontida, e concebida como ciclos, para desse modo excluir todo o processo entrópico. Há muito pouca consideração sobre recursos naturais em relação a como fica a paisagem após o término das operações mineradoras ou agropecuárias. Então o que segue é um tipo de cegueira. Eu acredito que é aquilo que chamamos de produção cega de lucro. E eles subitamente percebem que se encontram em meio a uma região desolada e imaginam como a situação chegou até ali. Então é um modo meio estático de olhar para as coisas. Eu não acho que as coisas ocorram em ciclos. Penso que elas simplesmente mudam de uma situação para a próxima; de fato não há retorno.

ACROSS THE COUNTRY THERE ARE MANY MINING AREAS, DISUSED QUARRIES, AND POLLUTED LAKES AND RIVERS. ONE PRACTICAL SOLUTION FOR THE UTILIZATION OF SUCH DEVASTATED PLACES WOULD BE LAND AND WATER RE-CYCLING IN TERMS OF BERTHE ART". RECENTLY, WHEN I WAS IN HOLLAND, I WORKED IN A SAND QUARRY THAT WAS SLATED FOR REDEVELOPEMENT. THE DUTCH ARE ESPECIALLY AWARE OF THE PHYSICAL LANDSCAPE. A DIALECTIC BETWEEN LAND RE-CLAMATION AND MINING USAGE MUST BE ESTABLISHED. THE ARTIST AND THE MINER MUST BECOME CONSCIOUS OF THEMSELVES AS NATURAL AGENTS. IN EFFECT, THIS EXTENDS TO ALL KINDS OF MINING AND BUILDING. WHEN THE MINER OR BUILDER LOSES SIGHT OF WHAT HE IS DOING THROUGH THE ABSTRACTIONS OF TECHNOLOGY HE CAN NOT PRACTICALLY COPE WITH NECESSITY. THE WORLD NEEDS COAL AND HIGHWAYS, BUT WE DO NOT NEED THE RESULTS OF STRIP-MINING OR HIGHWAY TRUSTS. ECONOMICS, WHEN ABSTRACTED FROM THE WORLD, IS BLIND TO NATURAL PROCESSES. ART CAN BECOME A RESOURCE, THAT MEDIATES BETWEEN THE ECOLOGIST AND THE INDUSTRIALIST. ECOLOGY AND INDUSTRY ARE NOT ONE-WAY STREETS, RATHER THEY SHOULD BE CROSSROADS. ART CAN HELP TO PROVIDE THE NEEDED DIALECTIC BETWEEN THEM. A LESSON CAN BE LEARNED FROM THE INDIAN CLIFF DWELLINGS AND BARTHWORK MOUNDS. HERE WE SEE NATURE AND NECESSITY IN CONSORT.

Figura 3  
Robert Smithson, *Untitled*  
1971  
© Holt/Smithson Foundation /  
Autvis, Brasil, 2023

Ao redor do país há muitas áreas de mineração, pedreiras abandonadas e lagos e rios poluídos. Uma solução prática para a utilização desses lugares devastados poderia ser a reciclagem da terra e da água em termos de *earth art*. Recentemente, quando eu estava na Holanda, trabalhei em uma área de mineração de areia que estava programada para ser recuperada. Os holandeses são especialmente conscientes da paisagem física. Uma dialética entre a reclamação de terra e seu uso pela mineração deve ser estabelecida. O artista e o mineiro devem se tornar conscientes de si próprios como agentes naturais. De fato, isso se estende a todo tipo de minas e construções. Quando o mineiro ou o construtor perde de vista o que está fazendo por meio das abstrações da tecnologia, ele não pode mais lidar praticamente com a necessidade. O mundo precisa de carvão e de autoestradas, mas nós não precisamos dos resultados das minas a céu aberto ou dos fundos rodoviários. A economia, quando abstraída do mundo, é cega aos processos naturais. A arte pode se tornar um recurso na mediação entre o ecologista e o industrial. Ecologia e indústria não são ruas de mão única, ao contrário, elas devem ser cruzamentos. A arte pode ajudar a providenciar a necessária dialética entre eles. Uma lição pode ser extraída das moradias indígenas nos penhascos e dos montes das esculturas de terra [*earthworks mounds*]. Aqui vemos a natureza e a necessidade de se conjugarem.

Entrevista recebida em março de 2023 e aprovado em maio de 2023.

Como citar:

SKY, Alison. Entropia tornada visível, entrevista com Robert Smithson. Dossiê Os Estratos da Terra. Tradução: André Leal. Revisão técnica: Antônio Ewbank. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 45, p. 64-77, jan.-jun. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n45.4>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.